



Histórias inéditas da Florianópolis antiga (1940-1960)

Billy Culleton



Billy Culleton

Histórias inéditas da Florianópolis antiga (1940-1960)

Florianópolis, 2020



Sumário

1 - A história do comércio contada pelos bancos da Praça XV – Conheça cada estabelecimento

2 - A 80 anos da façanha – Rovere, o taxista manezinho da Praça XV que venceu o 1º grande rally do Brasil

3 - Em 1959, Florianópolis inaugurava o seu primeiro “arranha-céu”, de 10 andares

4 - O auge do cinema de rua – Centro contava com diversas opções, dependendo do estilo de filme

5 - Avião da Esquadrilha da Fumaça que caiu no Centro atingiu a casa de futuro prefeito

Apresentação

Conhecer o passado é fundamental para poder entender o presente e refletir sobre o futuro.

A partir dessa premissa, o projeto “Histórias inéditas da Florianópolis antiga” busca resgatar a memória da capital catarinense, por meio de reportagens jornalísticas.

Este é o quarto de quatro e-books, com cinco histórias cada um, divididos por época: 1800-1900, 1900-1920, 1920-1940 e 1940-1960.

Os textos, que foram publicados originalmente no Portal Floripa Centro, mostram fatos que marcaram a Capital, seja pela sua relevância histórica mais formal ou pelo significado cultural e folclórico para os florianopolitanos.

São fatos chamativos que estão guardados apenas na lembrança das pessoas que os vivenciaram, ou em jornais antigos e livros de História, e que correm o risco de serem condenados ao esquecimento por falta de divulgação.

Os bancos da Praça XV de Novembro são um exemplo disso. Instalados na década de 1950, guardam a história do comércio de Florianópolis.

Os 35 bancos de granito do entorno da velha figueira trazem os nomes dos comércios mais tradicionais da cidade, entre 1950 e 1960. A grande maioria dessas lojas não resistiu à modernidade e fechou as portas há mais de 40 anos.

As outras quatro matérias jornalísticas tratam sobre o taxista manezinho da Praça XV que venceu o 1º grande rally do Brasil; o primeiro “arranha-céu” da Capital inaugurado em 1959 e que tinha 10 andares; o auge do cinema de rua, que contava com diversas opções, dependendo do estilo de filme, e o avião da Esquadrilha da Fumaça que caiu em 1961 e atingiu a casa de futuro prefeito da cidade.



A história do comércio contada pelos bancos da Praça XV – Conheça cada estabelecimento

Parte da história de Florianópolis nas décadas de 1950 e 1960 está ao alcance da população, no coração da cidade: na Praça XV de Novembro.

Os 35 bancos de granito do entorno da velha figueira trazem os nomes dos comércios mais tradicionais da cidade, naquela época. A grande maioria não resistiu à modernidade e fechou as portas há mais de 40 anos.

As letras foram se apagando lentamente com o passar dos anos. Mas nos últimos tempos, estão desaparecendo com mais rapidez por causa da limpeza com hidrojato, feita periodicamente pela prefeitura municipal. A variedade de estabelecimentos é grande: desde instituições financeiras e concessionárias de veículos até padarias e lojas de roupas.

Com a ajuda de tradicionais florianopolitanos como Nivaldo Machado, Esperidião Amin, Rodolfo Cerne e Manoel Timóteo de Oliveira, além de pesquisa na internet e livros, o Floripa Centro, conseguiu resgatar a história de cada um dos estabelecimentos, eternizados nos bancos existentes na mais famosa praça da Capital.

Confira cada um dos bancos:



Confeitaria Chiquinho: um dos mais tradicionais pontos de encontro da cidade funcionou entre 1904 e 1981. Era constituído por um bar e uma padaria. Estava localizada na esquina da Felipe Schmidt e Trajano, onde se encontra a Livraria Catarinense.



Estabelecimentos A Modelar: foi a primeira loja da cidade a vender ‘roupa pronta’. E também a primeira a vender por meio de crediário. O proprietário era Jacques Schweidson. Até 1950, a loja ficava na Rua Trajano, entre Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra. Depois foi construído um prédio próprio na mesma rua, porém, entre Felipe Schmidt e Tenente Silveira, frente aos jardins do Palácio Cruz e Sousa, onde ficou até o fechamento, na década de 1980.



Beba Kola Marte: a gasosa era produzida pela fábrica de Bebidas Irmãos Mendes, em Biguaçu. Feita com essência de cola importada da Suíça, era a bebida preferida na região da Grande Florianópolis. Segundo o site Observatório Social, deixou de ser fabricada após a Coca-Cola, dos Estados Unidos, enviar uma carta aos irmãos proibindo o uso do nome Cola, em qualquer grafia.



Padaria Brasília: a única com forno elétrico: tradicional padaria, na frente da Praça XV de Novembro, no coração da cidade, onde atualmente encontram-se as Lojas Marisa. Fechou as portas no início dos anos 2000.



Pudim Medeiros: há dois bancos na Praça. A empresa produzia pó para pudim. Era um clássico de Florianópolis.

O proprietário Edi Medeiros, comercializava por atacado para as mercearias e vendas da região.



Pudim Medeiros: pó para pudim, muito apreciado por toda a população da capital catarinense.



Indústrias Moritz: se dedicava à venda de balas e doces. Era famosa pela fabricação da bala rococo (coco moído com mel). Ficava no final da Rua Tiradentes, na região Leste da cidade.



Relojoaria Diamante Azul – Artigos para presentes: pertencia a dois irmãos, na Rua Trajano, perto da Felipe Schmidt. Além de relógios, também vendia câmeras de foto, filmes e, logicamente, artigos para presentes.



Electrolândia – Edifício Ipase: estava localizado no atual prédio da Previdência Social, frente ao Teatro Álvaro de Carvalho. Vendia e consertava aparelhos de televisão, rádios e geladeiras. O proprietário era José Carlos Daux.



Casa Três Irmãos: a loja pertencia aos irmãos Amin: Tuffi, Dahil e Esperidião (pai). Vendia fazenda (tecidos). Ficava na primeira quadra da Felipe Schmidt e funcionou a partir da década de 1930 até o início de 1980.



Há um Ford no seu futuro: a revenda Ford estava localizada nos altos da Felipe Schmidt, na esquina com a Rua Hoepcke, na frente da fábrica de rendas. Começou a funcionar em 1942 e pertencia a dois irmãos Amin: Dahil e Esperidião (pai). O terceiro irmão, Tuffi, já tinha falecido. Fechou na década de 1980.



Ford: carros, furgões, Taunus: Taunus era um dos carros mais vendidos na concessionária.



Ford: Prefect – Anglia – Irmãos Amin: referência aos modelos dos veículos.



Caminhões Ford – Irmãos Amin: veículos pesados vendidos na concessionária Ford.



Ford Mercury: referência ao modelo do veículo.



Ford: Capri, Lincoln, Cosmopolitan: referência aos modelos dos veículos.



Caminhões International: a revenda dos caminhões da norte-americana International Harvester, ficava no Estreito.



Chevrolet, o melhor do mundo: a revendedora de veículos inicialmente estava localizada na Rua Conselheiro Mafra, onde é a Galeria ARS. Depois, foi transferida para a Rua Hoepcke (com Conselheiro Mafra), ao lado da fábrica de rendas, e próxima à concessionária da Ford. Era da família Hoepcke.



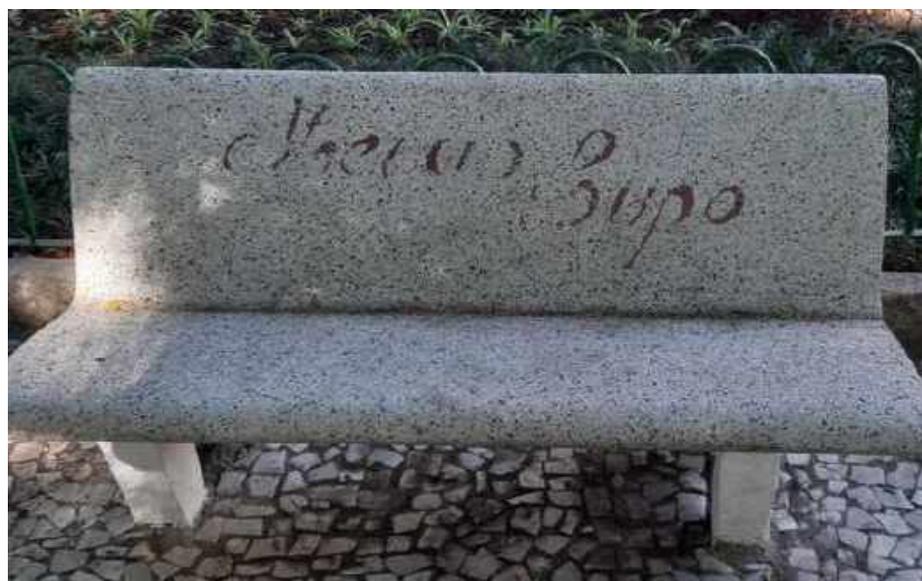
A Exposição: tradicional loja de roupas finas, na Rua Felipe Schmidt.



INCO: o Banco Indústria e Comércio de SC (INCO) foi fundado em 1934 por um grupo de empresários do Vale do Itajaí. Funcionou até 1968, quando foi comprado pelo Bradesco, que até hoje está situado no endereço original, na frente da Praça XV.



Padaria e confeitaria Sonia: estabelecimento que funcionava na Rua Emílio Blum, perto da Avenida Hercílio Luz.



Meias Lupo: patrocínio da Casa das Meias, ainda existente no Calçadão da Felipe Schmidt.



Laminadora Catarinense: fábrica de compensados, localizada na Rua Pedro Ivo, quase esquina Francisco Tolentino.



Louças – Na Casa (de Barro): ficava na Rua Francisco Tolentino, próximo ao Mercado Público, e vendia artigos de barro.



Casa Yolanda: vendia fazenda (tecidos), na Rua Conselheiro Mafra e Trajano, perto do Largo da Alfândega. Pertencia à família Mussi. Com o sucesso, uma nova loja foi aberta na Rua Felipe Schmidt, entre a Trajano e Deodoro. Ambas fecharam na década de 1980.



Enarco: firma de engenharia, que chegou a ser a maior do Estado. Pertencia à tradicional família Ramos e foi responsável pela construção da nova ala da Maternidade Carlos Corrêa e de centenas de residências e prédios em toda Santa Catarina.



Galeria das Sedas: comércio de roupas femininas, na Rua Trajano Nº 9 pertencente ao casal Benta Cherem Barbato e Jorge Barbato, este último um dos mais tradicionais ‘senadores’ do Senadinho, confraria que se reunia na esquina das ruas Felipe Schmidt e Trajano.



Casas Pernambucanas: a tradicional loja de roupas e produtos para cama, mesa e banho estabeleceu-se na Capital em 1915. Estava localizada na Rua Trajano, entre Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra, onde atualmente há um Mc Donalds.



Caixa Econômica: referência à Caixa Econômica Federal que estava localizada na Rua Conselheiro Mafra.



Deposite na Caixa Econômica: referência à Caixa Econômica Federal.



Caixa Econômica – Aguarda seu depósito: referência à Caixa Econômica Federal.



Empresa Florianópolis Ltda – Segurança – Conforto: era uma companhia de ônibus urbano que ligava o Centro aos bairros Córrego Grande, Itacorubi, Saco Grande, Trindade e Agronômica. Foi a precursora da atual empresa de transportes Biguaçu.

Três bancos cujas inscrições estão ilegíveis:





A 80 anos da façanha – Rovere, o taxista manezinho da Praça XV que venceu o 1º grande rally do Brasil

Na década de 1930, um jovem chauffeur da Praça XV se destacava entre os colegas pelas reconhecidas habilidades na condução dos ‘carros de aluguel’.

Popular e carismático, o manezinho Clemente Rovere era o mais requisitado para fazer as corridas pelas ruas de Florianópolis. Embora sem experiência em competições de automobilismo, em 1937, foi convencido a participar do Raid Montevidéu-Rio de Janeiro, uma corrida automobilística de 3,2 mil quilômetros.

Para viabilizar a participação, o governador Nereu Ramos cedeu-lhe um automóvel Hudson Six, fabricado em 1923 e que pertencia ao Estado.



A competição, entre 4 e 11 de abril, reuniu os 45 melhores pilotos da América, oriundos do Brasil, Argentina, Uruguai e Chile.

Após uma semana, Rovere, junto com o co-piloto Raphael Linhares, surpreenderam a todos e conseguiram um heróico 5º lugar, conquistando a admiração da imprensa nacional.

O locutor oficial da corrida, Carlos Alberto Fraga, disse: “Diante do que esses dois homens estão fazendo com o carro Hudson, devemos confessar que não conhecemos automobilismo. São dois heróis!”, publicou o *Jornal O Estado*, de 14/4/1937.

Raid Rio de Janeiro-Porto Alegre

Apesar da fama conquistada, Rovere voltou a trabalhar como chauffeur na Praça XV e, eventualmente, participava de corridas regionais. Em 1940, no entanto, recebeu apoio para representar Santa Catarina no primeiro rally de longa distância realizado no Brasil: o “Raid Rio de Janeiro-Porto Alegre”.



Foram 2.076 quilômetros de precários caminhos, a maioria de terra. A competição aconteceu entre 11 e 17 de novembro e contou com a participação de dezenas de pilotos brasileiros e de países vizinhos.

O manezinho correu com um Ford V8, que ele mesmo preparou, já que era aficionado por mecânica e fazia a manutenção dos próprios carros.



Elite brasileira prestigiou largada

Em 14 de novembro de 1940 foi dada a largada no Rio de Janeiro, com a presença das mais altas autoridades do mundo político, esportivo e empresarial.



A corrida teve três paradas antes de chegar a Porto Alegre: São Paulo, Curitiba e Florianópolis. Ao final de cada etapa os corredores tinham tempo de recuperar suas máquinas e eles próprios, pois eram muito exigidos física e mentalmente.

Na manhã de 17 de novembro, os pilotos saíram de Florianópolis, acompanhados por uma multidão. Como o campeão uruguaio Hector Sedes havia vencido a etapa Curitiba/Florianópolis, ele saiu na frente de Rovere, que ficou em segundo.



Mas o motor do carro de Sedes fundiu a poucos quilômetros de Porto Alegre, quando estava nove minutos à frente do catarinense .



Dados e curiosidades:

- Clemente Rovere, filho de imigrantes italianos, nasceu em Florianópolis em 14/11/1905, fruto da união de Antônio Rovere e de Rosa Lana Rovere.
- Casou-se em 1927 com Alzida Maria de Abreu Rovere com quem teve sete filhos.



- Ele faleceu prematuramente em 1944, aos 39 anos.
- Durante muitos anos existiu, no ponto de táxi da Praça XV, uma pequena placa indicativa, com os dizeres: “Ponto Clemente Rovere”.
- A única homenagem existente na cidade ao mais importante piloto da história de Santa Catarina é a rua que leva seu nome, na Capital, perpendicular à Avenida Mauro Ramos, próximo ao Instituto Estadual de Educação.



– A população da cidade acompanhava as façanhas de Rovere pelo rádio. “O povo de Florianópolis pode sentar-se ao pé de aparelhos de rádio e ouvir as notícias que de longe eram gritadas para todos os céus da América. (...) Em torno do acontecimento formou-se em Florianópolis uma eletrizante torcida”, disse o *Jornal O Estado*, de 14/4/1937.

Para concorrerem ao rê-de, cedeu-lhes o governo do Estado um quase velho automóvel «Hudson», adquirido pelo então presidente Adolpho Konder, há mais de 11 anos. O carro teve de sofrer diversas modificações. A princípio, os dois volantes lhe deram uma forma absolutamente imprópria de carro de corrida, lembrando antes um camião da Cia. Souza Cruz. Esse erro foi reconhecido em Montevideo onde, então, os volantes cariocenses alteraram as proporções do veículo, dando-lhe a configuração adequada, vulgarmente conhecida por «barata».

O que com esse auto conseguiram — chegando ao Rio em 5.º lugar na classificação geral — é espantoso. Nós mesmos ouvimos do sr. Carlos Alberto Proga, controlador oficial do rê-de, o seguinte:

— «Dante do que esses dois homens estão fazendo com o carro «Hudson», nós outros devemos confessar que não conhecemos automobilismo. São dois heróis!»

A classe dos «chauffeurs» cariocenses está, pois, de parabéns, e com performance conquistada por Clemente e Raphael



(As fotos históricas são do acervo pessoal de Maurício Rovere, neto de Clemente. Já as informações desta reportagem foram pesquisadas nos sites “Clemente Rovere – Um aceno para a história”, “Histórias que vivemos”, e “Curva do S”)



Em 1959, Florianópolis inaugurava seu primeiro “arranha-céu”, de 10 andares

“A Capital está de parabéns. O soberbo edifício da Praça XV vem dar-lhe novo aspecto. Mais um marco de progresso”. Esta descrição é o início da reportagem do jornal *O Estado* de 19 de setembro de 1959, data da inauguração do edifício Meridional, no Centro da Capital.

O prédio de 10 andares sediaria a “majestosa sede da filial do Banco Nacional do Comércio”, segundo a mesma matéria jornalística. O ‘*esplêndido arranha-céu que tanto veio embelezar nossa velha fisionomia urbana*’, foi construído onde existia um prédio comercial de dois andares do século 19, na esquina das ruas João Pinto e 15 de novembro.





Registro do antigo prédio de dois andares, à direita, em 1940

Uma das novidades foi que apenas os dois primeiros andares eram comerciais, sendo os restantes, residenciais.



Após o Banco do Comércio, várias instituições bancárias ocuparam o local: Sulbrasileiro, Simonsen, Meridional (que dá o atual nome ao edifício) e, hoje, o Santander.



Um dos moradores do edifício, Rodolfo Cerne, de 87 anos, relembra da festa de inauguração.

“A cidade parou para participar do grande evento. Fui contratado para fazer as fotos do evento. Tirei menos de 10 fotografias, que nunca mais encontrei”, conta, na porta de entrada para os apartamentos, na rua João Pinto, cujo saguão ainda possui as estilosas caixas de correio de bronze.



Cerne (D) e o porteiro Djalma Pereira, na entrada do prédio



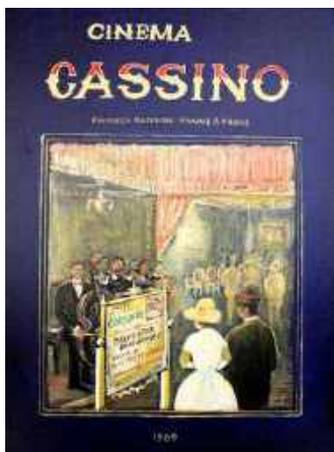
Caixas de correio de bronze no hall principal



O auge do cinema de rua – Centro contava com diversas opções, dependendo do estilo de filme

O início do século XX foi marcado pela popularização dos cinemas de rua em Florianópolis. Nesse contexto, começam a ser construídas as primeiras edificações específicas para a projeção de filmes.

A primeira foi a do cinema Cassino, localizado na Praça 15 de Novembro, que teve a sessão inaugural no dia 9 de julho de 1909.



Antes, apenas o atual Teatro Álvaro de Carvalho passava filmes na Capital (a primeira vez foi no ano de 1900). No local, em 1910, foi inaugurado o “Cinema Art-Nouveaux”, depois denominado Cinema Theatro.

Já o Cine Imperial, na Rua João Pinto, Nº 156, onde está sendo instalado o Pró-Cidadão, foi inaugurado em 4 de setembro de 1932.

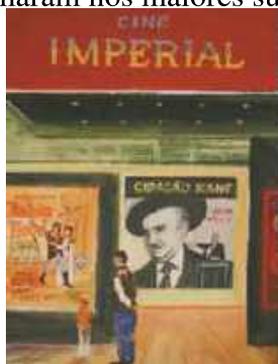
A moderna sala que foi usada como cinema durante 60 anos era inclinada e tinha 340 lugares e contava também com foyer (espécie de antessala) e bomboniere.



Rua João Pinto na década de 1980 (Imagem do IHGSC)

O Imperial fechou em 1970 e o prédio se transformou numa fábrica de sabão. Na década de 1980 reabriu como Cine Coral e, depois como Cine Carlitos, fechando na década de 1990.

Eram exibidos filmes de todos os tipos e estilos, mas os de faroeste se transformaram nos maiores sucessos de público.



Desenho de Átila Ramos

Livro detalha a história do cinema

O livro “*Cinemas (de rua) de Floripa: a história dos cinemas de rua de Florianópolis (mudos e sonoros) desde 1900*”, do florianopolitano Átila Ramos, detalha os primórdios do cinema na Capital.

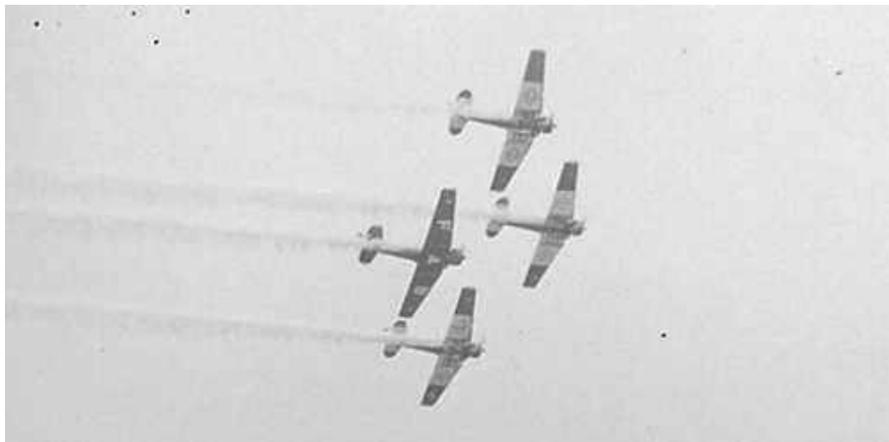
Por ocasião do lançamento da obra, em 2018, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) mostrou a estrutura do livro. Confira:

- A primeira fase retratada no livro resgata nomes como o “Cinema Art-Nouveaux”, inaugurado no ano de 1910, e que funcionava no Teatro Álvaro de Carvalho, depois denominado Cinema Theatro, que foi um local importante para a arte cinematográfica na cidade.

- O “Cinema Círculo”, fundado pela Igreja Católica em 1912; passando pelo luxuoso “Internacional Cinema”, na atual rua João Pinto, fundado em 1924; e chegando até a construção do Centro Arquidiocesano Dom Joaquim, que abrigou o Cine Theatro Centro Popular, de 1930 – o último espaço inaugurado na era dos cinemas mudos na cidade, mas o cinema sonoro já chegaria à cidade no ano seguinte.

- Já na segunda sessão do livro, o autor inicia destacando a chegada do primeiro cinema sonoro na ilha, o “Cinema Palace” (em 1931) – na esquina da rua Arcipreste Paiva com a Tenente Silveira –, numa realização de dois empresários que se unem para implantar o cinema falado. “Alvorada do Amor”, “que encerra lindos números de música”, é o primeiro filme a ser exibido, marcando o início de uma nova era nos cinemas de rua de Florianópolis.

- A partir daí, o autor vai percorrendo os vários cinemas de rua da cidade, passando, entre eles, pelo Cine Imperial, Cine Rex, Cine Odeon, Cine Cecontur, Cine São José, Cine Art 7.



Avião da Esquadrilha da Fumaça que caiu no Centro atingiu a casa de futuro prefeito

Uma tragédia aérea comoveu Florianópolis na manhã de 28 de novembro de 1961, há exatos 58 anos.

Um avião da Esquadrilha da Fumaça que fazia uma apresentação para milhares de pessoas, no Centro, caiu no Largo Benjamin Constant, localizado na frente do atual Supermercado Hippo.



Piso da praça, na atualidade, evoca tragédia com avião modelo T-6

O aparelho, após bater no solo, atingiu uma residência, de propriedade do General Vieira da Rosa, conhecido como General Rosinha, que se tornaria prefeito municipal entre os anos 1964 e 1966.

Aviões pararam em Florianópolis por pane em motor

No dia anterior à tragédia, a Esquadilha da Fumaça retornava de Porto Alegre com destino ao Rio de Janeiro.

Por causa de uma pane no motor, justamente do avião que caiu depois, houve um pouso de emergência na Base Aérea de Florianópolis. Os demais aparelhos também desceram.

“Aproveitando a rápida permanência dos famosos ases da aviação nesta capital, o comando da Polícia Militar do Estado convidou-os a fazer demonstrações, já que no dia de ontem vários festejos marcaram a entrega de espadins aos novos oficiais do Curso de Formação de Oficiais, mantido por aquela corporação”, publicou o Jornal O Estado, de 29 de novembro de 1961.



Governador Celso Ramos entrega o espadim ao Oficial-Aluno Pedro Bernardino, 1.º colocado da Turma.

Registro do evento no Comando da PM, antes do acidente (Jornal O Estado)

E continua o relato: “Às 9h33min, precisamente, quando executavam uma manobra denominada trevo, a fatalidade fez com que o avião do tenente Trindade se chocasse com o avião do tenente Otto, tendo o primeiro, em velocidade espantosa, caído ao solo, na parte norte do Largo Benjamin Constant”.



Imagem do Largo mostra as casas na década de 1970 (Acervo Casa da Memória)

“Atingido, o avião sinistrado, desgovernado, baixou vertiginosamente, rompendo fios de alta tensão e, batendo no solo, projetou-se contra a residência do General Vieira da Rosa derrubando uma das paredes fronteiras e indo cair nos terrenos de fundo. O aparelho ficou completamente destroçado, reduzido a um montão de ferro retorcido.”

Após a tragédia, o corpo do piloto foi levado para a Base Aérea e, antes de ser transladado para o Rio de Janeiro, recebeu homenagens do então governador Celso Ramos, que estava assistindo à apresentação da Esquadrilha da Fumaça e cuja residência familiar, coincidentemente, ficava a 100 metros do Largo Benjamin Constant, na Avenida Trompowsky.